

Idade das idéias e ideologia

Num debate recente entre cientistas e professores, em Minas Gerais, afloraram idéias geradoras de grave controvérsia. De um lado, qualificado físico expendeu opinião no sentido de considerar velhos, para pesquisa, estudantes de mestrado e doutorado, com 32 e 37 anos de idade. E teria asseverado que “pesquisador velho é pesquisador morto”. Como ilustre sociólogo e professor criticasse o conteúdo do diálogo, outro mestre de relevo julgou a censura “uma operação ideológica”. E já em São Paulo acrescentou que “a pressão da ideologia está dificultando a busca da solução para os verdadeiros problemas da universidade”. Assim noticiou a imprensa o corrido, que justifica um comentário, ou uma ilação, pela qualidade superior dos que divergiram entre si.

Se a discussão se houvesse travado entre intelectuais conservadores, seria estranhável a distância de entendimento, porém não autorizaria desdobrar o confronto. Teria explicação, talvez, na diferença de temperamento, de estilo, ou por algum motivo circunstancial. Não provocaria, seguramente, reflexão maior sobre a extensão da dissidência. Afinal, mesmo no quadro dos conservadores há variedade de concepções. Faz muito, Lasky divisou a necessidade de atentar-se no extremismo liberal.

A dissonância caracterizada em Minas se restringira a um pormenor no arco do mesmo pensamento tradicional. Preconceitos não assustam no círculo dos que limitam a interpretação dos fenômenos ao aceito e consagrado.

O desacordo apurado, entretanto, verificou-se entre personalidades de pensamento aberto, progressista. Daí não se admitir a qualificação das idéias pela idade temporal das pessoas. Há jovens de idéias envelhecidas e velhos que acompanham as transformações da cultura, vivendo as mudanças do espírito. Francisco Nitti escreveu, com objetividade, que “há jovens que, por falta de energia, envelhecem nos seus primeiros vinte anos e velhos que possuem a juventude do pensamento e da alma”. No civilizado debate dos candidatos à presidência dos Estados Unidos, Clinton respondeu elegantemente a uma pergunta: “Não considero imprópria a idade do meu competidor, mas a idade de suas idéias”. É que importa, sobretudo, o vigor do espírito. Já invocamos noutra instância, mas vale recordar o exemplo de João Mangabeira, cuja atualidade de idéias os anos não ensombraram. Ministro de Estado depois dos 80 anos de idade, enfrentou a reforma de Códigos e não titubeou em revogar portarias que permitiam

a censura e a apreensão de jornais e revistas. E seu mestre Rui Barbosa, na campanha presidencial de 1919, aos setenta anos, pregou reformas sociais, que só se desenvolveram, aos poucos, depois de 1930. Advogou, naquele ano, os direitos sociais. Pormenorizados os direitos dos trabalhadores em larga extensão, do salário ao repouso e ao seguro, inclusive em favor da mulher operária e sem esquecer o trabalho rural. É lamentável, pois, vincular-se a natureza das idéias à idade, e quando se amplia o tempo de vida e se multiplicam as condições de conservá-la. Perigoso é o envelhecimento espiritual precoce, que leva o indivíduo a atribuir aos outros os seus fracassos.

É também surpreendente que espírito esclarecido aponte a ideologia como um mal, ou obstáculo à solução de certos problemas. A lição dos fatos da vida tem comprovado que ninguém procede, normalmente, numa determinada orientação sem obedecer a tendências, a convicções, a idéias. As linhas de pensar e agir podem não ser corretas ou modernas, porém representam o feixe de razões e crenças em que o indivíduo arrima suas ações. Esse feixe de razões e crenças consubstancia, em verdade, a ideologia de cada ser. Não se trata da ideologia marxista, ou de outro sistema filosófico, que aprisiona a in-

teligência a juízos infalíveis. Cuida-se das idéias que condicionam e norteiam o procedimento das pessoas normais, e que por sua força e extensão constituem uma ideologia. Condenar a presença permanente dessas diretrizes ou desses condicionamentos, na ação dos seres humanos, ou considerá-los maléficos, é temer a verdade, em respeito a preconceito. Mesmo quando esses caminhos obedecem a uma severa coerência de pensar, sem nenhuma escravidão, não há o que estranhar e censurar. Há o que louvar e estimular, sem medo, para que se alargue a afirmação das personalidades.

A vida é uma acumulação de acontecimentos, agradáveis uns, ameaçadores outros, todos inevitáveis. Não ser temerário nem acomodático, mas fiel a objetivos reclamados pela consciência, é a estrada real para o indivíduo. Assim a idade não o esmaga. A tranquilidade da consciência reduz a carga dos anos. Como na filosofia do poeta Carlos Drummond de Andrade, “carregar o peso da idade é a última prova de juventude”. Carregá-lo, sem negar a si mesmo, é a homenagem final do indivíduo à própria vida, apesar de riscos naturais.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia